

fundamentos, é motivo suficiente para se suspeitar da própria vontade.

Dizei a um homem, no pleno gôso dos seus sentidos, que cerre os olhos para sempre, sob promessa de que outros se encarregarão de vêr por êle e de guiá-lo — e êle zombará da vossa singular proposta.

E querer-se que a gente, no perfeito gôso de sua razão, renuncie completamente a seu uso e a abdique, precisamente no que há de mais transcendental, para deixar-se levar pela razão de outrem!

Ameaçais a alma com uma pena sem apelação e com uma sorte definitiva após a vida corporal; deixai, pois, que as nossas almas meditem profundamente sobre os seus passos e estudem a sua missão e deveres com toda a luz possível, afim de não se extraviarem nos desvios da vida.

Quem não faz isto, se confessa néscio ou imprudente e temerário.

III

O nosso racionalismo. Erro dos que pretendem perpetuar a infância da humanidade.

Já nos parece ouvir a palavra *racionalistas*, lançada em tom de anátema sobre nós, que ousamos lembrar que é a razão o atributo distintivo da natureza humana — atributo que não pôde o homem ter recebido da Divindade sem um fim: sem o dever de desenvolvê-lo e de servir-se dêle para os atos que dependem da liberdade individual.

O que seria a liberdade humana, o livre arbítrio, sem o jôgo da razão e sem a luz do entendimento?

Como poderia a consciência ser responsável por suas faltas e a vontade por suas determinações, faltando ao homem o farol que esclarece a primeira e guia a segunda?

E se, possuindo essa luz, o homem procura apagá-la ou cerra os olhos para não servir-se dela, como procederá com liberdade?

Pôde ter Deus posto na substância racional algo que coarte a sua atividade e a condene a um estado embrionário ou ao quietismo e à inércia, a respeito das verdades eternas, religiosas?

Pôde o Supremo-Arquiteto ter querido, em suas relações com a criatura, e da parte desta, a correspondência humilhante do escravo a um culto automático, sem inteligência e sentimento, ou a homenagem que nasce do reconhecimento e da admiração?

Racionalistas! Se com esta palavra se pretendesse designar os que levantam em sua alma altares á razão, para divinizar-a, considerando-a como a única lei das ações humanas, a repeliríamos com toda a energia; pois bem compreendemos que as faculdades do homem são progressivas, conseguintemente limitadas e limitado o círculo da sua atividade e a esfera do seu poder.

Tão pouco somos racionalistas no sentido de negar toda a autoridade. Admitimos, de bom grado e com veneração, a autoridade que emana direta ou indiretamente de Deus e a de todos os que têm tomado a dianteira nos caminhos difíceis da ciência, enquanto as suas afirmações se conformam com as leis do bom senso.

Mas, se ser racionalista consiste em empregar prudentemente a razão, até onde chegam os raios mais ou

menos intensos da nossa luz — em buscar a Deus por nós mesmos, estimando pelo seu valor a meditação alheia — em procurar irmanar e harmonizar a ciência com a religião e a religião com a ciência — em pedir a esta a sanção da fé — em considerar a autoridade dos homens como autoridade falível, o que equivale a dizer: autoridade humana — em discorrer sobre o que a razão não comprehende e recusar o que a razão recusa por absurdo — em investigar a maneira mais própria e agradável de servir, em espírito e verdade, ao Pai comum das criaturas — em confiar á sua paternal justiça o que possa fortificar as nossas almas no desejo e na prática do bem — em reconhecer a nossa fraqueza, a nossa impotência, e implorar o superior auxílio em nossas dúvidas e desfalcamentos; se nisso consiste o nosso racionalismo, porque negá-lo, quando êle está na dignidade e nos atributos da natureza humana?

Quão errados vão os que pretendem perpetuar a infância da humanidade! A crença transformou-se em homem, e busca a emancipação e a independência próprias da nova idade em que entrou.

Não crêm no progresso dos tempos, e o progresso dos tempos se lhes impõe. Educaram as sociedades, mas não souberam aprender que as sociedades não ficam estacionárias. Monopolisaram a ciência, mas têm visto como ela irradia a sua luz em todas as direções, e não adivinharam que essa luz havia de espantar as trevas da fé que não se firmasse na ciência.

A história nada lhes ensinou — o véu das ciências experimentais e da filosofia nada lhes tem deixado ver — a Terra continua para êles fixa e encravada no centro do universo — e ainda têm a aspiração de deter o curso do sol, como Josué.

Talvez oponham, aos nossos bons desejos e sinceras observações, os seus costumados anátemas.

Não os tememos, porque já perderam a sua escassa importância, desde que se fizeram infalíveis; sentimos, porém, e deploramos isso, como sentimos e deploramos todos os abusos desta espécie, que se dão em nome de uma religião que recomenda a caridade como a primeira das virtudes.

Se nos amaldiçõam, nós os abençoamos. São nossos irmãos, e, ás suas palavras de ódio e de maldição, responderemos com palavras de amor e de perdão.

IV

*Razão das nossas crenças primitivas.
Insuficiência das crenças que se baseiam na
fé cega.*

Porque somos católicos romanos? Tal foi a primeira pergunta que formulámos, como primeiro ato de nossa independência religiosa.

Para responder e discorrer sem paixão, foi preciso varrer todo o espírito de seita, como o deve fazer todo o que deseja investigar a razão das suas crenças.

Somos católicos, ouvimos dizer, porque o foram nossos pais — porque o era o país em que nascemos — porque o foi a nossa educação — porque nos ensinaram a discorrer com o critério católico — porque só o catolicismo, entre as religiões, tinha carta de cidade no nosso solo — porque, não o ser, era incorrer no desprezo de muitos dos nossos concidadãos e nas iras de um clero prepotente — porque nos tínhamos convencido, á força de ouví-lo, que fóra dele não ha salvação — porque temíamos a cólera do Senhor, as unhas afiadas de Lusbel e as fogueiras do inferno com que se ameaçava aos que